

## EMPRESAS

BANCA

# CaixaBI quer olhar para fora após privatizações

**A assessoria ao fundo Ardian, que investiu 300 milhões de euros numa parceria com uma empresa da Mota-Engil, é o tipo de negócio que o banco de investimento da Caixa Geral de Depósitos quer reforçar a partir deste ano.**

**DIOGO CAVALEIRO**  
diogocavaleiro@negocios.pt

O banco de investimento da Caixa Geral de Depósitos quer ganhar mais força no estrangeiro. Depois de ter concentrado parte dos esforços em privatizações de empresas portuguesas, a intenção do CaixaBI é, agora, apostar numa “estratégia de internacionalização”, como diz o presidente executivo, Joaquim Saldanha e Souza.

Segundo o CEO, a intenção do CaixaBI é o de ser visto pelos “investidores que querem vir para Portu-

“

**[Olhar para fora] é importante. Acabaram os processos de privatização. Estamos a adaptar-nos.**

**JOAQUIM SALDANHA E SOUSA**  
CEO do CaixaBI

gal ou para o Brasil”, ou para o Moçambique, mas também empresas portuguesas que queiram comprar no exterior. O passo da casa de investimento da CGD é, assim, diminuir a dependência em relação ao mercado nacional.

Os processos de privatização da EDP, REN e CTT foram alguns em que o CaixaBI esteve concentrado nos últimos anos. Com o actual Governo, apostar em operações de saída de empresas da esfera do Estado é difícil. O Orçamento do Estado para 2016 foi o primeiro da última década em que não há previsão de privatização. “[Olhar para fora] é importante para o país. É importante para nós. Acabaram os processos de privatização e estamos a adaptarnos”, confessa Saldanha e Souza, que lembra, por várias vezes, que a postura do banco tem valido prémios, mencionando o recente da Global Finance para “melhor banco de investimento em Portugal” em 2016.

No final do ano passado, veio o exemplo de um tipo de negócio que o CaixaBI quer que seja mais habitual: o investimento de 300 milhões de euros por parte do fundo francês Ardian, assessorado pela entidade. O fundo criou com a Ascendi, da Mota-Engil, uma parceria para o



Joaquim Saldanha e Souza é o presidente executivo do CaixaBI desde Agosto de 2013.

desenvolvimento de cinco concessões de auto-estradas, como as de Grande Lisboa, Grande Porto e Costa de Prata.

Segundo Saldanha e Souza, o CEO, e Marco Lourenço, o director da área de “corporate finance”, esta operação em particular tem impacto na economia portuguesa pela possibilidade de desalavancar a Mota-Engil, permitindo o pagamento de dívidas a bancos nacionais, e também pelo facto de significar um possível ponto de partida para mais investimentos no país pelo fundo.

O CaixaBI, que emprega 170 trabalhadores mas não revela as contas apesar de sublinhar que registou lucros em 2015, pertence ao maior grupo bancário português, o que traz uma vantagem, pela sua “presença

forte” no exterior, segundo Saldanha e Souza. Mas também há problemas: “Por a CGD ser grande demais, há várias situações de conflitos de interesse. Estamos fora dos negócios porque não podemos estar”, conta.

Neste momento, a área de fusões e aquisições representa um terço das

“

**[Apostar em clientes internacionais é passo] para reduzir dependência face a mercado português.**

**MARCO LOURENÇO**  
Director no CaixaBI

comissões do CaixaBI. O restante é conseguido pelas áreas de renda fixa (obrigações) e de emissão e negociação de acções. Na área de fusões e aquisições, o assessor financeiro é o que trata de “apoiar os investidores na análise do activo”, de “negociar com os envolvidos”, de medir o “impacto das mudanças regulatórias” e ainda de “ajudar a estruturar a operação” em causa. Agora, o grupo público quer fazê-lo, com maior força, em negócios internacionais.

Olhar para investidores de outros pontos do mundo é um passo dado pelo CaixaBI depois de o seu concorrente, anteriormente designado de BESI, ter sido comprado pelos chineses da Haitong em 2015, com promessas de ser usado para uma expansão global do grupo. ■